

caderno de leituras n.93

série *intempestiva*

**dez gritos  
sobre a campanha  
contra as religiões  
de matriz africana**

**marcio  
goldman**



**nota da  
editora**

Este texto foi originalmente publicado em 8 de abril de 2015, na página pessoal do autor no Facebook, e republicado no catálogo do *forumdoc.bh.2018* – 22º Festival do filme documentário e etnográfico fórum de antropologia e cinema, acessível gratuitamente aqui: <https://tinyurl.com/catalogoforumdoc2018>.

Agradecemos a Júnia Torres por nos ter sugerido este texto, bem como a toda a equipe do *forumdoc.bh* por tantos festivais incríveis. Agradecemos vivamente também a Marcio Goldman a autorização para esta publicação.

1. A atual campanha contra as religiões de matriz africana é mais um capítulo de um racismo secular que sempre investiu contra essas religiões de todas as formas concebíveis.
2. A “novidade” da atual campanha é que ela se dá a partir de um agenciamento entre uma semiótica reacionária (os evangélicos – em geral de todas as cores) e uma semiótica moderna (os ecologistas – em geral brancos).
3. A primeira semiótica é mais honesta. Supõe que as religiões de matriz africana estão erradas porque acreditam e cultuam seres maléficos que, erroneamente, consideram benéficos. O que significa que, neste caso, a única coisa pela qual se pode lutar, é que os evangélicos assumam – ou sejam obrigados a assumir – a mesma posição das pessoas das religiões de matriz africana, que, aliás, é a da constituição brasileira: as crenças e práticas religiosas não têm nada a ver com verdades universais e todos têm o direito de adotar religiões que terceiros podem considerar equivocadas.
4. A segunda semiótica – verde e branca – é mais insidiosa, como costuma acontecer com os “modernos”. Ao lado da defesa dos direitos dos animais há, evidentemente, a “certeza” de que as práticas sacrificiais das religiões de matriz africana são “falsas”. Não no sentido reacionário de que se dirigem a seres com os quais não deveríamos ter relações, mas no sentido moderno de que se dirigem a coisa nenhuma. Seriam frutos da ilusão, não do erro.

5. A intolerância da semiótica reacionária e a tolerância da semiótica moderna são, pois, os dois lados da mesma moeda. Os reacionários, que sabem estar envolvidos em um conflito de verdades, não podem admitir práticas que consideram erradas. Os modernos admitem, tranquila e condescendentemente, práticas que consideram ilusórias. Mas isso só até o momento em que imaginam que essas práticas entrem em conflito com suas próprias verdades, que eles, claro, apresentam como universais. Nesse momento, querem acabar com tais práticas e o fazem com uma violência que poderia enrubescer qualquer reacionário.
6. O problema é que as práticas sacrificiais das religiões de matriz africana são técnicas de manutenção do equilíbrio do cosmos, o que inclui, principalmente, o equilíbrio das pessoas. Por isso são quase sempre utilizadas para cuidar dos males advindos dos desequilíbrios a que a existência nos expõe.
7. É por isso também que não há e não pode haver nenhuma “crueldade” com os animais destinados ao sacrifício, uma vez que isso agravaria o desequilíbrio que se pretende combater. Todos aqueles que possuem um mínimo de informação sobre essas religiões sabem que os sacrifícios têm que ser rápidos e indolores e que, se o animal demonstrar resistência ao processo, deve ser poupado sob pena de desastres ontológicos e humanos.
8. Como também sabem todos aqueles que possuem um mínimo de informação sobre essas religiões, a maior parte dos animais sacrificados é preparada para refeições comunais que não apenas alimentam o espírito dos comensais (promovendo seu equilíbrio), como alimentam seus corpos e promovem uma socialidade cuja qualidade deveria ser invejada por todos.

- 9.** Nesse sentido, o máximo que o Estado poderia exigir dessas religiões - a saber, que tratem os animais mais ou menos como os laboratórios que produzem vacinas devem fazê-lo - já é cumprido por elas como que por definição. Bem ao contrário, o modo como lidam com os animais poderia, isso sim, servir de modelo não só para nossos laboratórios como principalmente para a barbárie de nossa indústria alimentícia.
- 10.** É compreensível que a semiótica reacionária não esteja interessada nessa indústria alimentícia. Mas quando a semiótica verde e branca moderna prefere o alvo, frágil e fácil, das religiões de matriz africana em lugar daquele, poderoso e difícil, dessa indústria alimentícia, a única conclusão a que podemos chegar é que se trata de preconceito e racismo. Como costuma acontecer com excessiva frequência no caso brasileiro, esse preconceito e esse racismo não se autoneciam e funcionam sem mencionar cores e raças, sempre substituídas por pseudo-universais, como, neste caso, os louváveis ideais de respeito aos direitos dos animais e à natureza.

**Caderno de Leituras n.93**  
série *intempestiva*

**Dez gritos sobre a**  
campanha contra  
as religiões de  
matriz africana

Marcio Goldman

**Coordenação editorial**  
Maria Carolina Fenati

**Coordenação de arte**  
Luísa Rabello

**Revisão**  
Bernardo Bethonico

**Projeto gráfico**  
Mateus Acioli

Composto em Maax,  
desenhada por Damien  
Gautier para 205TF Foundry.

**Edições Chão da Feira**  
Belo Horizonte,  
setembro de 2019

Esta e outras publicações  
da editora estão disponíveis  
em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.  
Fundação Municipal de Cultura. Projeto 0699/2017

Patrocínio

Incentivo

**unibh** 

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA**  
**BELO HORIZONTE**  
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA